II ENEHISP

CADERNO DE RESUMOS

Simpósio Temático 20

ST20 HISTÓRIA, POLÍTICA E EPISTEMOLOGIAS AMERICANAS: diálogos entre a literatura e o cinema nos séculos XIX e XX

COORDENADO POR


Candida Victoria P. de Souza


Victor Silva Mota


Gustavo M. Mota

PPGH Unimontes — Programa de Pós Graduação em História Social

LAPPS ufjf — Laboratório de História Política e Social

Grupo de Estudos e Pesquisa do Pensamento Autoritário



CRONOGRAMA DE APRESENTAÇÕES

HISTÓRIA, POLÍTICA E EPISTEMOLOGIAS AMERICANAS:

diálogos entre a literatura e o cinema nos séculos XIX e XX

7 DE OUTUBRO DAS 8H ÀS 12H | GOOGLE MEET

COORDENAÇÃO

Candida Victoria Pereira de Souza

Victor Silva Mota

Gustavo Martins Mota

SESSÃO ÚNICA

7 de outubro, das 8h às 12h

ORDEM	TÍTULO DO TRABALHO	HORÁRIO
1	Angela Davis e a afirmação de uma identidade negra no movimento Black Power entre os anos de 1960 e 1970	8h10
2	A ordem da casa e a ordem do Estado: gênero e imaginação política em O Jequitinhonha	8h30
3	Narrativas da Repressão: autoritarismo, violência e experimentação em O Eternauta (1969)	8h50
4	Mi aporte (1969): a contradição da condição da mulher cubana	9h10
5	A utopia pessimista? O sintoma do tempo em Walden Tres (1979)	9h30
6	Reflexões críticas sobre a pátria em terra estrangeira: uma análise da obra Misterios del Plata de 1852	9h50
7	Identidade Nacional e as Telenovelas: Vale Tudo (1988) e as representações do Brasil durante a transição democrática	10h10
8	A Figura do Peregrino entre a Literatura e o Cinema: Deslocamento, Formação e Experiência em As Crônicas de Nárnia, de C. S. Lewis	10h50
9	Standing before me was Death: permanências e ressignificações do mito vampírico nas releituras de Nosferatu (1922-2024)	11h10
10	Reflexões sobre L.A. Rebellion: cinema, resistência e disputas por meio das telas em Los Angeles (1965-1979)	11h30

Reflexões críticas sobre a pátria em terra estrangeira:
uma análise da obra Misterios del Plata de 1852

Candida Victoria Pereira de Souza [1]

Na presente comunicação, visamos analisar o romance Misterios del Plata, escrito em 1852, no periódico Jornal das Senhoras, no Rio de Janeiro pela argentina radicada o Brasil Juana Paula Manso de Noronha. Nesse viés, em exílio a partir dessa obra a escritora refletiu acerca da condição política de sua nação, a Argentina, que passava por um processo de consolidação nacional e se encontrava dividida entre dois grupos políticos, os federalistas e os unitários. Nessa perspectiva, alinhada aos ideais dos unitários e por ser forçada a deixar sua terra natal em consequência da ascensão do federalista Juan Manuel de Rosas ao poder, Juana utilizou sua pena, nãos apenas como uma ferramenta para apoiar o grupo político à qual compartilhava ideias em comum. Mas também como uma forma de resistência frente a um governo à qual ela considerava autoritário. Nesse cenário, é assim que Juana inicia o seu "romance verdadeiro", histórico, tendo em vista que personagens como Alsina que fazem o contraponto com o federalismo e apontam os problemas desse governo, não se tratava apenas de personagem, era uma pessoa real. Desse modo, buscamos compreender a partir do conceito de nação de Benedict Anderson, enquanto comunidade imaginada, de que maneira Juana e os demais intelectuais pensavam a construção da Argentina. Assim, também dialogaremos com o conceito de intelectual proposto por Carlos Altamirano e Bárbara Souto. E para construção metodológica, partiremos dos apontamentos da autora Marlyse Meyer e sua obra: Folhetim: uma história.

Palavras-chave: Imprensa; Literatura; Nação; Mulheres.

[1] Coordenadora do ST20. Universidade Estadual de Montes Claros (UNIMONTES). Bolsista: CNPq. candidasouza948@gmail.com

A utopia pessimista? O sintoma do tempo em Walden Tres (1979)

Victor Silva Mota [2]

O presente trabalho, recorte de uma pesquisa em andamento, tem como objetivo analisar a obra utópica Walden Tres (1979), do psicólogo colombiano Rubén Ardila, buscando compreender como as temporalidades da modernidade tardia atravessaram sua experiência histórica do tempo. Inspirada em Walden (1854), do filósofo estadunidense Henry David Thoreau, e em Walden Two (1948), do psicólogo estadunidense Burrhus Frederic Skinner, a obra propõe uma reforma social no Panamá fundamentada nos princípios da Análise do Comportamento, abordagem da Psicologia dedicada ao estudo do comportamento humano. Ao longo da narrativa, um ditador e um psicólogo transformam o país em Walden Tres, uma sociedade utópica organizada segundo os princípios da ciência do comportamento. Contudo, a obra apresenta um desfecho trágico: após cinco anos de funcionamento, a comunidade é invadida pelos Estados Unidos e seus fundadores são presos e condenados à morte. Diante desse desfecho, questionamos: seria possível uma utopia culminar em uma tragédia? Considerando o histórico de interferência política e econômica dos Estados Unidos no Panamá, em que medida o contexto de produção da obra afetou o horizonte de expectativa de Ardila? Poderia esse contexto revelar uma forma de sofrimento histórico relacionada à experiência do tempo? Para investigar essas questões, propomos uma análise das temporalidades presentes na obra, considerando as relações entre sujeito, modernidade, experiência, expectativa e as condições político-culturais do período.

Palavras-chave: Teoria da História; História e Literatura; Utopia.

[2] Coordenador do ST20. Doutorando em História Social, Universidade Estadual de Montes Claros (UNIMONTES). victormotapsi@gmail.com

Reflexões sobre L.A. Rebellion:
cinema, resistência e disputas por meio das telas em Los Angeles (1965-1979)

Gustavo Martins Mota [3]

O presente trabalho busca refletir sobre o papel da L.A. Rebellion como elemento de construção de um discurso de resistência nos Estados Unidos. Para tanto, propomo-nos a compreender os discursos fílmicos criados pelo citado movimento de maneira mais ampla, por meio da formação e trocas intelectuais utilizadas pelos seus realizadores. Compreendemos que a L.A. Rebellion atua como um cinema contracultural e político, que busca dar voz aos tensionamentos sociais vivenciados pela população negra em Los Angeles, dialogando com o contexto nacional na luta do movimento negro, que se via desmobilizada com a morte de suas principais lideranças (objetivamente: Medgar Evers, Malcolm X e Martin Luther King). A perda dessas lideranças resultara em um forte sentimento de incertezas, que se intensifica à medida que a repressão do Estado se recrudesce, havendo assim um retesamento que pode ser verificado por meio dos Riots raciais ocorridos nos EUA durante o mesmo período, o qual podemos destacar o ocorrido Watts, 1965. Tal contexto mobiliza o curso de Cinema da Universidade da Califórnia em Los Angeles (UCLA), na figura de seus idealizadores Elyseo J. Taylor e, posteriormente, Teshome Gabriel, baseando-se profundamente em experiências fílmicas advindas das novas ondas do cinema e de cinemas de resistência no terceiro mundo, citadamente os exemplos do Terceiro Cinema de Octavio Getino e Fernando Solanas e o Cinema Novo e a Estética da Fome, imortalizados pelas lentes de Glauber Rocha. Nesse sentido, pensando em suas referências e o público alvo, a L.A. Rebellion dialoga com uma tentativa de utilizar os recursos da linguagem cinematográfica para construir um discurso dissidente, e o Projet One, projeto acadêmico que os idealizadores, ainda em sua graduação, realizaram obras para refletir essa fissão fílmica, nos demonstra como o cinema da L.A. Rebellion tenta construir uma narrativa de resistência e disputa política na comunidade afro-americana entre as décadas de 1960 e 1970.

Palavras-chave: L.A. Rebellion; Cinema; Movimento Negro; Formas de Resistência

[3] Coordenador do ST20. Mestre e Doutorando em História Social, Universidade Estadual de Montes Claros (PPGH-UNIMONTES). Bolsista: CAPES (Código de Financiamento 001). gustavo.mota@outlook.com

Angela Davis e a afirmação de uma identidade negra no movimento Black Power entre os anos de 1960 e 1970

Leilane Caroline Alves Silva [4]

O presente artigo analisa a trajetória de Angela Davis e a construção de sua identidade negra no contexto dos movimentos de luta da população negra nos Estados Unidos, especialmente entre as décadas de 1960 e 1970. Parte-se da compreensão de que sua trajetória foi constituída a partir das experiências de racismo, segregação, militância política e participação em espaços de sociabilidade negra, destacando-se sua aproximação com o movimento Black Power e com organizações como o Partido dos Panteras Negras. A análise busca compreender a relação entre identidade e representação, considerando as formas pelas quais Angela Davis foi representada pela cultura dominante e, em contraposição, como os movimentos negros produziram outras formas de significá-la. A partir das contribuições de Patricia Hill Collins e Stuart Hall, discute-se a produção de imagens de controle, a estereotipagem e a construção do "Outro", bem como os processos de autodefinição e afirmação identitária. A trajetória de Davis evidencia, ainda, a importância da estética negra, especialmente de seu cabelo crespo, como elemento de pertencimento e identificação política. A análise de sua perseguição e prisão permite observar a disputa em torno de sua imagem pública, marcada pelo contraste entre a representação produzida pelo FBI e pela mídia hegemônica e aquela construída pelos Panteras Negras por meio da campanha Free Angela. Conclui-se que a identidade pública de Angela Davis foi historicamente construída e atravessada por diferentes posições, constituindo-se em um espaço de disputa de significados, no qual a representação e a autodefinição assumiram papel fundamental na afirmação da identidade negra e na resistência às representações produzidas pela cultura dominante.

Palavras-chave: Angela Davis; identidade negra; representação; Black Power.

[4] Mestranda em História Social, Universidade Estadual de Montes Claros (Unimontes). Bolsista: FAPEMIG. leilanecaroline127@gmail.com

A ordem da casa e a ordem do Estado:
gênero e imaginação política em O Jequitinhonha

Ana Flávia Vitorino Honório [5]

O que a organização da casa poderia dizer sobre a organização do Estado? Nas páginas de O Jequitinhonha, periódico publicado em Diamantina (MG) - que se apresenta como político, literário e noticioso - a família, o casamento e o divórcio ultrapassaram os limites da vida privada e se tornaram imagens para pensar a sociedade e a política do Brasil oitocentista. Parte-se da compreensão de que, no século XIX, imprensa, literatura e escrita política constituíam campos profundamente imbricados: o jornal não apenas veiculava textos literários, mas também incorporava procedimentos narrativos, metafóricos e alegóricos à elaboração dos debates públicos. A análise concentra-se em duas publicações de 1863. A primeira corresponde a um trecho do romance indianista Acayaca, de Joaquim Felício dos Santos, que constrói uma imagem idealizada do antigo Tijuco, caracterizado pela harmonia matrimonial, pela preservação das virtudes cívicas e religiosas e pela inexistência do divórcio. A segunda integra um artigo contrário à centralização política do Império. Nesse discurso, a poligamia e o divórcio destruiriam a autoridade secundária atribuída à mulher e concentrariam o poder doméstico na figura paterna, conduzindo a família à "barbárie e escravidão", assim como a centralização do poder estatal resultaria em "despotismo e anarquia". Com base nas noções de representação e gênero, investiga-se como a casa e a mulher foram transformadas em imagens da ordem política e como diferentes formas de escrita participaram da construção de um projeto de sociedade. Argumenta-se que, embora pertencentes a gêneros distintos, o romance e o artigo político compartilham um repertório no qual a estabilidade familiar e a subordinação da mulher eram apresentadas como fundamentos da ordem social. Desse modo, literatura e imprensa contribuem para imaginar a nação, definir os limites da liberdade e naturalizar relações de gênero no espaço doméstico.

Palavras-chave: imprensa oitocentista; literatura; gênero; família; História Política.

[5] Doutoranda em História Social, Universidade Estadual de Montes Claros (Unimontes). Bolsista: CAPES. anafvhonorio@gmail.com

Narrativas da Repressão:
autoritarismo, violência e experimentação em O Eternauta (1969)

Adriano G. Sabino da Silva [6]

Publicado originalmente entre 1957 e 1959, com roteiro de Héctor Germán Oesterheld e desenhos de Francisco Solano López, O Eternauta consolidou-se como uma obra fundamental dos quadrinhos argentinos ao articular ficção científica, experiência urbana e resistência coletiva. Em 1969, doze anos após a publicação da primeira versão, Oesterheld reescreveu a narrativa, agora em parceria com Alberto Breccia. A nova versão foi publicada em um contexto de crise política e institucional, sob a ditadura militar autodenominada Revolução Argentina (1966–1973). Este trabalho pretende analisar O Eternauta de 1969 como uma reelaboração ficcional dos conflitos, medos e possibilidades de resistência que atravessavam a Argentina entre o Cordobazo e a escalada da violência política que culminaria na ditadura instaurada em 1976, o Processo de Reorganização Nacional. As metáforas narrativas elaboradas por Oesterheld devem ser percebidas como representações desses eventos e da instabilidade política argentina no período. Os invasores e seus mecanismos de controle figuram as relações de dominação autoritária e a violência exercida de maneira concreta na sociedade argentina. Observamos também como a obra oferece um repertório simbólico capaz de interpretar formas de vigilância e submissão que seriam radicalizadas no Cone Sul, tais como a Operação Condor, formalizada em 1975. Será também examinada a arte expressionista e experimental de Breccia; composta por contrastes radicais, manchas, colagens, texturas e deformações visuais capazes de construir uma atmosfera de ameaça, desorientação e precariedade. Assim, O Eternauta (1969) é compreendido como uma intervenção cultural que transforma a ficção científica e a experimentação gráfica em uma linguagem de reflexão política do período.

Palavras-chave: O Eternauta; Cordobazo; Violência política

[6] Mestrando, Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). adrsabino@gmail.com

Mi aporte (1969):
a contradição da condição da mulher cubana

Géssica de Assis Carvalho[7]

A comunicação oral pretende explorar as dinâmicas de gênero na Cuba pós-Revolução de 1959, como parte da pesquisa de mestrado intitulada "Y tenemos sabor...: o encontro da história na filmografia e trajetória da afro-cubana Sara Gómez (1959-1971)", em desenvolvimento no Programa de Pós- Graduação em História da UFBA, contando com financiamento da FAPESB. O ponto de partida será o média-metragem documental Mi aporte (1969), dirigido pela afro-cubana Sara Gómez, única diretora do quadro de funcionários do Instituto Cubano del Arte e Industria Cinematográficos (ICAIC). O documentário fora encomendado pela Federação de Mulheres Cubanas (FMC), como parte integrante das políticas propagandísticas em torno da campanha das 10 milhões de toneladas de safras de açúcar, encabeçada pelo ministério da economia. Contudo, Mi Aporte desagradou a presidenta da Federação, a cubana Vilma Espín, esposa de Raúl Castro, haja vista que supostamente a peça fílmica de Gómez ridicularizou a instituição e apresentou na narrativa, situações de assimetrias quanto às relações de gênero, quando o discurso oficial convergia para a eliminação das desigualdades de gênero na ilha (De la Fuente, 2021). A polêmica resultou na proibição da exibição do documentário nas salas de cinema de Cuba, situação comum no que tange a filmografia da diretora (Benson, 2018). A partir da controvérsia da obra, pensa-se nas disputas, contradições e adversidades em torno da melhoria das condições de vida e trabalho das mulheres cubanas, além dos papéis destinados a elas no contexto revolucionário. Indagações como: O que era esperado para as mulheres? Quais eram os papéis destinados às novas mulheres cubanas? norteiam a análise histórica e fílmica do documentário.

Palavras-chave: Revolução Cubana, Sara Gómez, ICAIC, história do cinema, gênero.

[7] Mestranda, Universidade Federal da Bahia (UFBA). Bolsista: FAPESB. gessicadeassiscarvalho@gail.com

Identidade Nacional e as Telenovelas:

Vale Tudo (1988) e as representações do Brasil durante a transição democrática

Pedro Victor Silveira Ferreira [8]

Desde o importante de trabalho do pesquisador Benedict Anderson (2008), a formação das identidades nacionais passou a ocupar um lugar privilegiado na reflexão historiográfica. A Nação, assim, passou a ser entendida entendida como uma "comunidade imaginada" fruto de processos históricos e de disputas por hegemonias. Estas disputas, neste sentido, se fazem presentes na construção de representações sobre país dentro das produções audiovisuais. Esta pesquisa, portanto, tem como objetivo entender as representações do Brasil dentro da telenovela Vale Tudo (1988) exigida pela rede globo no final da década de 1980. O programa de televisão foi ao ar pela primeira vez durante o período de transição entre o fim da ditadura militar e o início da Nova República, momento de grande efervescência social e de politização da sociedade brasileira. Aproveitando do momento político vivido e pelo fim da censura oficial promovida pela ditadura, Vale Tudo (1988), em seu enredo, teceu críticas explícitas a situação de penúria, corrupção e as desigualdades sociais que assolavam o país. Estas críticas tiveram ressonância em grande parte da população, tornando a telenovela um sucesso de audiência e, por isso, é cosiderada um clássico dentro das teledramaturgias produzidas pela rede Globo. Assim, buscamos compreender, as representações que a telenovela construiu sobre o Brasil e possibilitaram a difusão de uma identidade nacional para o país, ajudando a entender a identidade nacional brasileira como fruto de contextos específicos, sendo assim, historicizáveis.

Palavras-chave: Identidade Nacional; Telenovelas; Vale Tudo

[8] Mestre em História, Universidade Estadual de Montes Claros (Unimontes). pedrovsilveira@gmail.com

A Figura do Peregrino entre a Literatura e o Cinema:
Deslocamento, Formação e Experiência em As Crônicas de Nárnia, de C. S. Lewis

Luis Lucas de Nardo[9]

Este trabalho investiga a Figura do Peregrino em As Crônicas de Nárnia, de C. S. Lewis, compreendendo-a como uma categoria literária e formativa que estrutura as trajetórias das personagens ao longo da obra e de suas adaptações cinematográficas produzidas pela Walden Media. Partindo da hipótese de que a jornada constitui um dos elementos centrais da narrativa narniana, busca-se compreender de que maneira os deslocamentos físicos, simbólicos e existenciais vivenciados pelas personagens contribuem para processos de formação, transformação subjetiva e construção de sentidos. Fundamentado nos pressupostos da crítica literária, dos estudos sobre adaptação e das reflexões acerca da narrativa de formação, o estudo analisa as relações estabelecidas entre Literatura e Cinema, observando permanências, deslocamentos, supressões e ressignificações ocorridos na transposição entre linguagens artísticas distintas. A análise considera especialmente a trajetória das personagens infantis, cuja experiência em Nárnia se configura como uma jornada marcada por provas, descobertas, perdas e transformações. Os resultados indicam que a Figura do Peregrino permanece como núcleo organizador tanto da obra literária quanto de suas adaptações cinematográficas, ainda que submetida a diferentes estratégias narrativas e visuais. Nesse sentido, a jornada assume a forma de um percurso de formação ética, imaginativa e existencial, por meio do qual as personagens ampliam sua compreensão de si mesmas e do mundo. O trabalho procura contribuir para os estudos sobre Literatura e Cinema ao evidenciar como as adaptações não apenas reproduzem narrativas preexistentes, mas também atualizam e reinterpretam temas centrais da obra de Lewis, preservando a permanência da Figura do Peregrino como expressão simbólica da busca humana por sentido, conhecimento e transformação.

Palavras-chave: C. S. Lewis; Nárnia; Peregrino; Literatura e Cinema; Adaptação.

[9] Mestre em Estudos de Literatura (PPGLit/UFSCar); doutorando em Estudos de Literatura (PPGLit/UFSCar). Bolsista: CAPES. luislucasnardo@estudante.ufscar.br

Standing before me was Death:

permanências e ressignificações do mito vampírico nas releituras de Nosferatu (1922-2024)

Isaac Vinicius Veloso Ramos [10]
Amanda Gabriela Souza Rodrigues [11]

Este trabalho propõe analisar a permanência e a ressignificação do mito vampírico a partir de uma abordagem comparativa entre o romance Drácula (1897), de Bram Stoker, Nosferatu (1922), de F. W. Murnau, e Nosferatu (2024), de Robert Eggers. Partindo da compreensão de que literatura e cinema constituem espaços privilegiados de elaboração e circulação de representações culturais, busca-se investigar como um mesmo mito é continuamente reinterpretado em diferentes contextos históricos, produzindo novas formas de representar o medo, a alteridade e as tensões sociais. Considera-se a adaptação realizada por Murnau como um marco na transposição do romance para a linguagem cinematográfica, evidenciando as transformações decorrentes tanto das especificidades do meio fílmico quanto das tensões históricas que marcaram a Alemanha da República de Weimar. Em seguida, examina-se a releitura proposta por Eggers, compreendendo-a como uma atualização estética e histórica que estabelece um diálogo simultâneo com a tradição literária inaugurada por Stoker e com o filme de 1922. Nessa perspectiva, o terror é compreendido como uma linguagem por meio da qual se materializam experiências históricas e sensibilidades coletivas. A permanência do vampiro ao longo de mais de um século evidencia como determinadas imagens atravessam diferentes contextos históricos, sendo continuamente ressignificadas para expressar inquietações sociopolítico-culturais. Assim, pretende-se discutir de que maneira as releituras de Nosferatu evidenciam a permanência e a atualização do mito vampírico, revelando como determinadas imagens e narrativas atravessam diferentes temporalidades e produzem novas sensibilidades acerca das relações entre passado e presente. Desse modo, busca-se reafirmar o potencial dessas obras como fontes para a reflexão historiográfica sobre memória, cultura e representação.

Palavras-chave: Nosferatu; Vampiro; Memória; Terror; Sensibilidades.

[10] Mestre em História Social, Universidade Estadual de Montes Claros (Unimontes). isaacvvelosor@gmail.com

[11] Mestranda em História Social, Universidade Estadual de Montes Claros (Unimontes). amandagabrielasouza6@gmail.com

II ENEHISP

PPGH Unimontes
PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA SOCIAL

LAPPS ufjf
LABORATÓRIO DE HISTÓRIA POLÍTICA E SOCIAL



Grupo de
Estudos e Pesquisa do
Pensamento Autoritário